

Este mistério pascal da vida, que brota da morte, e que Jesus nos apresenta sob a imagem do grão de trigo, não se explica nem se justifica, por nenhuma lógica, que não seja a do Amor. A do amor que se dá, a do amor, que não se nega à entrega, para comunicar a todos o dom da Vida. Ora “o amor não pode existir sem esta renúncia dolorosa a mim mesmo” (Spe Salvi,38).

A vida, como Deus a quer para nós, é doação, saída de si ao encontro do outro, serviço aos demais. Olhemos para a nossa vida e verifiquemos como nela se desenha a parábola do grão de trigo: as nossas alegrias nascem na dor, os maiores sucessos têm sempre o alto preço das nossas entregas escondidas, os nossos êxitos são feitos de sacrifício ocultos. Os frutos mais belos da nossa vida, são sempre colhidos na árvore da Cruz e saboreados à sua sombra. E esta é uma regra sem exceção. Só da morte nasce a Vida. É pela Cruz que se chega à luz. É morrendo que se vive para a vida eterna

“No rosto de Jesus Crucificado e Abandonado estão escondidos todos os aspectos dolorosos da vida. Aos que se veem semelhantes a Ele e aceitam compartilhar o seu destino, eis no que Ele se converte: para o mudo, a palavra; para quem não sabe, a resposta; para o cego, a luz; para o surdo, a voz; para o cansado, o repouso; para o desesperado, a esperança; para o separado, a unidade; para o inquieto, a paz.

Ele tinha gritado o “porquê”, a que ninguém dera resposta, para que tivéssemos a resposta a cada porquê. O problema da vida humana é a dor. Qualquer dor, por mais terrível que seja, sabemos que Jesus a fez sua e transforma, por uma alquimia divina, a dor em amor. Por experiência, posso dizer que logo que aceitamos qualquer dor, para ser como Ele e depois continuamos a amar fazendo a vontade de Deus, a dor, se é espiritual, desaparece, e se é física, converte-se em jugo suave.” (Chiara Lubich)

PERANTE O AMOR TOTAL

Escolheste, Senhor, ser entregue... Por isso, antecipadamente anunciaste aos Teus discípulos os dias da Paixão, preparando-os para a loucura da cruz – a eles que, eventualmente, sonhavam com o brilho do trono e do reconhecimento alheio.

Assim lhes mostraste – nos mostraste! -- que o Amor – o Teu Amor – não conhece a mediocridade dos cálculos ou a avareza das medidas...

Ensina-me, Senhor, a amar assim; e, sobretudo, a amar-Te assim.

A amar-Te sem reservas.

A amar-Te com a pobreza dos meus gestos, a fragilidade das minhas palavras e a clara fronteira dos meus limites.

Ensina-me a amar-Te tal como sou: ora reticente, ora entusiasmado; incapaz de ir além da esquina ou apaixonado pelo arco-íris; perdido de espanto na contemplação, ou afogado no ruído que o coração não acalma...

Ensina-me a Amar-Te com a suave tranquilidade de quem primeiro foi amado!...
(Con. João Aguiar)



Encontro 4
03.04.2020

Deus, Aquele que salva

Olá, queridos amigos e amigas!

Saúdo-vos com muita alegria e amizade, bem como aos vossos pais, avós e a todos os familiares. Espero que todos estejam bem de saúde!

Neste tempo em que vivemos não é fácil compreender quando e como Deus fala. Deus fala e fala-nos através de muitos canais.

Deus falou aos homens através de outros homens por Ele escolhidos para esse fim, mas **sobretudo por meio de seu Filho, Jesus Cristo** (Heb 1,1-2). Desse modo, **a Palavra de Deus tornou-se linguagem humana sem deixar de ser Palavra de Deus, assim como o Filho de Deus se fez homem sem deixar de ser Deus.**

Pergunta/Tema: Deus, Aquele que nos salva

Acreditas mesmo que Deus te ama? O mesmo será dizer que Deus te salva? Acreditas que Deus nos salva através do amor de Jesus. Aliás o nome “Jesus” significa precisamente “Deus salva”? Estou mesmo a ouvir o vosso sim. Mas vale sempre a pena experimentarmos grande admiração e gratidão por tudo o que Jesus fez e faz para nos amar e salvar.

1. Introdução ao texto bíblico (Jo 12, 20-33 – Grão de Trigo)

Apercebi-me de que muitos de vós, ouvistes com muita atenção o Evangelho do Domingo de Ramos, ao ser lida a narração da Paixão e Morte de Jesus. Enviastes muitas perguntas que, agora, vos peço a autorização para resumir em quatro.

1.1. Afinal de que crimes acusavam Jesus?

Acusavam Jesus de blasfemar contra Deus, de não ter respeitado a lei e de querer desencadear uma revolução contra César para Ele mesmo assumir o poder sobre o país.

Mas as acusações eram falsas, pois Jesus não era nenhum blasfemo. Não era nenhum mentiroso, pois Ele era realmente o Filho de Deus. Jesus tinha um enorme respeito pelos mandamentos de Deus. Ele mostrou às pessoas como é que os deviam entender e pôr em prática. Jesus não pensou em revoluções, mas sim em trazer o amor de Deus ao mundo.

1.2. Porque é que Jesus suportou tanta dor?

Por amor, Jesus diz: “Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos amigos” (Jo 15, 13).

Quem percorre o caminho do amor tem muitas vezes de enfrentar situações muito difíceis. Quem se decide contra a violência parece que pertence ao grupo dos perdedores e até poderão trocar dele. Mas é este o caminho certo. Jesus, para salvar o mundo, toma sobre Si o sofrimento.

Quem escolhe acolher e viver com os outros, arrisca-se a ser magoado, mas se não o fizer já está morto, não está a viver! É como, arrancar uma planta, gritar, esconder dos outros, bater, isso é matar, traz medo, fica-se sozinho, triste. Então, que podemos fazer para viver? Viver como Jesus, fazendo o que Ele fez. Estava mesmo com os seus amigos, cuidava dos doentes, tocava nos tristes, pedia ao Pai que perdoasse aos que estavam a fazer mal, que o estavam a magoar...

1.3. Jesus, não tinha amigos?

Sim, Jesus tinha muitos amigos. Mas de facto, na altura difícil, por medo, por insegurança ou por estarem assustados, afastaram-se, fugiram..., mas não deixaram de ser amigos. E, sobretudo, Jesus nunca deixou de lhes perdoar e continuar a ser amigo deles.

Realmente, quando a paixão de Jesus começou, muitos dos seus melhores amigos abandonaram-no. Quando Jesus foi crucificado estavam muito poucos lá: algumas mulheres, Maria, sua mãe e o seu melhor amigo, João.

Os discípulos dormiam enquanto Jesus tremia de angústia mortal antes de ser preso. Judas traiu-O por 30 moedas de prata.

Pedro, o chefe dos Apóstolos, portou-se como se não conhecesse Jesus.

1.4. Jesus morreu realmente na cruz?

Jesus morreu na véspera da festa da Páscoa judaica, por volta das três horas da tarde. Nós chamamos a este dia a Sexta-feira Santa. A causa da morte de Jesus foram as graves feridas provocadas pela flagelação e pela asfixia na cruz. Quando um soldado perfurou com uma lança o peito de Jesus saíram sangue e água – um sinal de que estava morto. O corpo foi tirado da cruz, embalsamado, envolto em lençóis e deposto num túmulo vazio escavado numa rocha.

De várias maneiras Jesus anunciou e preparou os seus discípulos para os acontecimentos do Cruz. Por exemplo, quando Jesus com a imagem ou alegoria do “grão de trigo” faz o preanúncio a Sua morte, oferecendo-lhe de antemão um sentido muito claro de doação e entrega por amor até ao fim.

Em silêncio, vamos ouvir a leitura da história do grão de trigo.

2. Leitura da Parábola: Jo 12, 20-36

3. Meditação

O evangelista João chama a nossa atenção com um pormenor: alguns «gregos», de religião hebraica, vindos a Jerusalém para a festa da Páscoa, dirigem-se ao apóstolo Filipe, dizendo-lhe: «Senhor, queremos ver Jesus» (Jo 12, 21).

«*Queremos ver Jesus*»: estas palavras, como muitas outras nos Evangelhos, vão para além do episódio particular e exprimem algo *universal*; revelam um desejo que atravessa *as épocas e as culturas*, um desejo presente no coração de muitas pessoas que ouviram falar de Jesus, mas ainda não o *encontraram*. «Eu desejo ver Jesus», assim sente o coração desta Gente.

Quando se fala de "ver Jesus", não se trata de uma expressão de simples curiosidade, não é ver por ver, mas é vontade de conhecer e de acreditar. O verbo "ver", em S. João, significa penetrar para além das aparências, a fim de alcançar o mistério que escondem.

Respondendo indiretamente, de maneira profética, àquele pedido de o poder ver, Jesus pronuncia uma profecia que revela a sua identidade e indica o caminho para o conhecer verdadeiramente: «É chegada a hora para o Filho do Homem ser glorificado» (Jo 12, 23). *Chegou a hora da Cruz!* Chegou a hora da derrota de Satanás, príncipe do mal, e do triunfo definitivo do amor misericordioso de Deus. Cristo declara que será «*levantado da terra*» (32), uma expressão que tem um duplo significado: «**levantado**» porque crucificado, e «**levantado**» porque **exaltado** pelo Pai na Ressurreição, para atrair todos a si e reconciliar os homens com Deus e entre eles. A hora da cruz, **a mais obscura da história**, é também a fonte da salvação para quantos acreditam n'Ele.

Prosseguindo a profecia sobre a sua Páscoa já iminente, Jesus usa uma imagem simples e sugestiva, a do «*grão de trigo*» que, ao cair na terra, morre para produzir fruto (cf. 24). Nesta imagem encontramos outro aspeto da Cruz de Cristo: o **da fecundidade**. A cruz de Cristo é fecunda. Com efeito, a morte de Jesus é uma fonte inesgotável de vida nova, porque traz em si a força regeneradora do amor de Deus. Imergidos neste amor pelo Batismo, os cristãos podem tornar-se «grãos de trigo» e dar muito fruto se, como Jesus, «perderem a própria vida» por amor de Deus e dos irmãos (cf. 25).

Jesus não explica o sofrimento. Assume-o. Não elimina o sofrimento. Ilumina-o, com a esperança do fruto que brota daí. “*Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só. Mas se morrer, dará muito fruto*” (Jo.12,24).

De facto, a lei da semente é precisamente a de morrer para frutificar e assim se multiplicar. O grão de trigo é o próprio Jesus Cristo, morto na Cruz e sepultado num Jardim. Na verdade, é a partir da sua morte na Cruz, corpo lançado à terra, como semente, que Jesus frutifica, quer dizer, que Ele «*atrai todos a si*» (Jo.12,32) chamando-nos, para uma vida de aliança com o Pai. Ora. Morrer assim, apesar do aparente fracasso, não é perder a vida, mas ganhá-la!